

SEMANAL

TABELAO
FICHAS COMPLETAS DA COPA DO BRASIL

CORINTHIANS
QUEM QUEIMOU A
LÍNGUA COM O TIMÃO

ENTREVISTAS
DANIEL
(PALMEIRAS)
WÁGNER
(BOTAFOGO)

NORDESTÃO
O MELHOR
CAMPEONATO
DO BRASIL

FLAMENGO
O FUTURO SEM A I\$L

PLACAR

APENAS
R\$ **1,99**

SALÁRIOS ATRASADOS
SEU CRAQUE
NÃO ESTÁ
CORRENDO?
DESCONFIE...

PONTE
A GAROTADA
SEGURA
ESTA ONDA?

VASCO
PEDRINHO
CONTRA
O TRI

1176
24.ABR.01
SEMANAL 03

011762
9770104176000
WWW.PLACAR.COM.BR
FOTO PEDRO RUBENS

563

**POR QUE VOCÊS NÃO
GOSTAM DE MIM?**

FRANÇA CANSOU DE FAZER GOLS... E DE SER VAIADO





ZEBRAS

No Paulista, a Ponte está na frente. No retorno do Carioca, o Americano é líder. E o Caxias comanda o Gauchão.

MENUDOS DO CORINTHIANS

Sem oba-oba, Gil e Ewerthon ganham espaço no ascendente time corinthiano, deixando os menudos do descendente São Paulo para trás.

PRETINHA

Marcou o primeiro gol da recém-criada liga profissional de futebol dos EUA, a WUSA. Foi de pênalti, o único da vitória do Washington Freedom sobre o Bay Area CyberRays, de Sissi e Kátia Cilene

VENCEDORES PERDEDORES

CANDINHO

Ser auxiliar na Seleção era o paraíso. Como técnico, viveu o inferno corinthiano em 2000 e hoje paga os pecados na Portuguesa.

BRAZUCAS DO ARSENAL

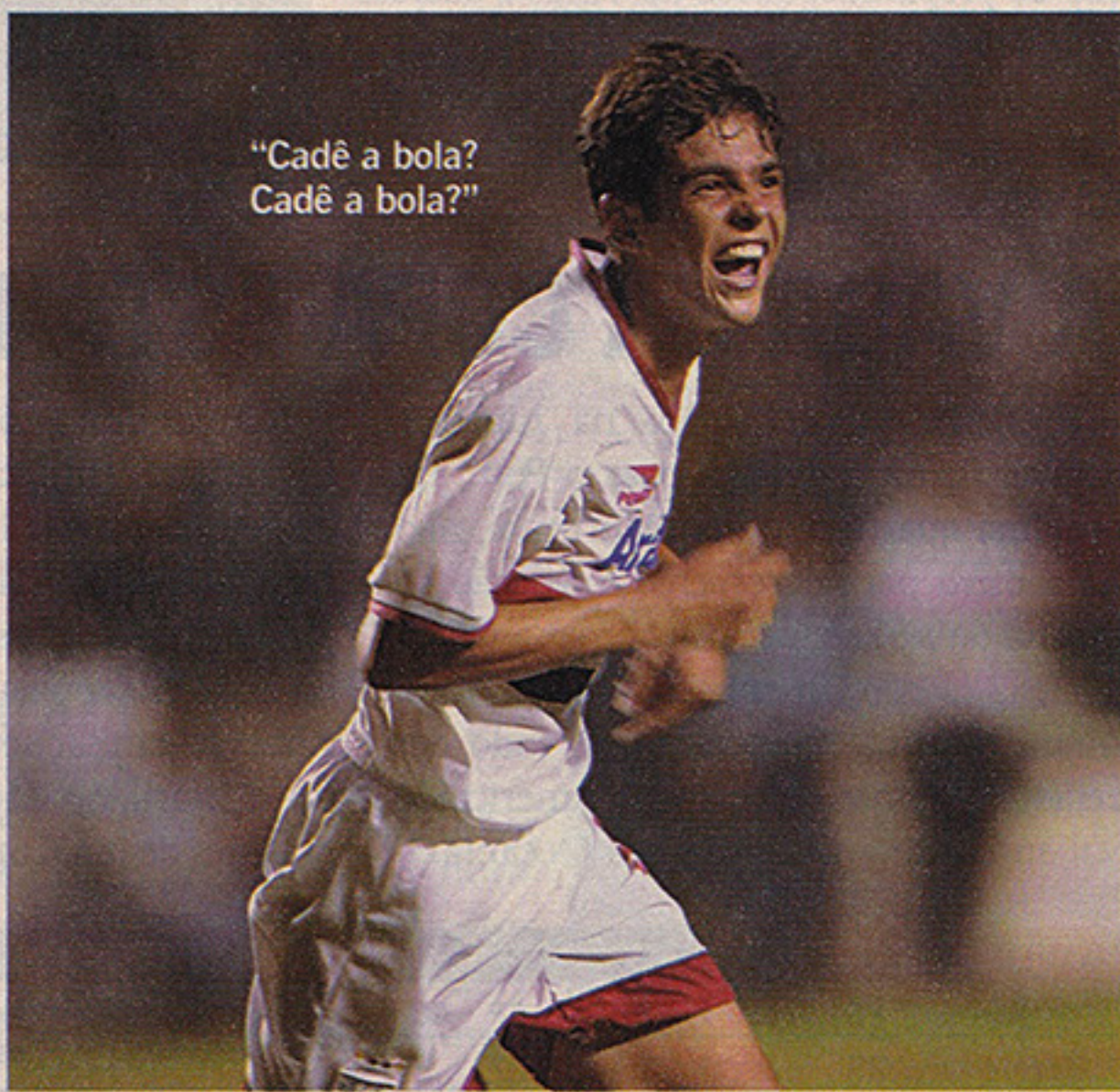
Silvinho e Edu marcaram gols contra na derrota do Arsenal para o Middlesbrough por 3 x 0. Assim, fica difícil ser titular.

CAMPEONATO CARIOCA

Fluminense e Vasco reuniram menos de 30 mil pagantes no Maracanã. Pouco para um clássico decisivo. O campeonato ainda não animou os cariocas.

TE ENXERGA, KAKÁ!

O novo xodó da torcida são-paulina não usa óculos para fazer charme, como Vampeta. Ele tem 2 graus de miopia em cada olho e, à longa distância, enxerga o mundo embaçado. "Isso me atrapalhava. Só consegui resolver o problema usando lentes de contato", diz o jogador. É bom lembrar que esse tipo de deficiência visual não impede ninguém de jogar. Dois bons exemplos de craques míopes são o ex-atacante Casagrande e o artilheiro Romário, que nunca tiveram problemas para enxergar o caminho do gol. O uso de lentes de contato, entretanto, já causou transtornos para Kaká. Num torneio juvenil, em Sorocaba-SP, ele foi atingido por uma cotovelada e perdeu uma das lentes. "Tive que jogar com uma lente só, mas você sabe como é... Você fica meio caolho."



ROGÉRIO PALLATTA

REPÚBLICA DOS FARRAPOS



EDISON VARA

Os rasgos e remendos na bandeira do Grêmio

A crise pegou o mais caro símbolo gremista. Em fase de vacas magras, com a ISL pedindo arrego, o clube teve que remendar a gigantesca bandeira do Olímpico. Com 90 m² de área, ela sofre também com o desbotamento das cores. O bandeirão já foi trocado três vezes desde setembro de 1999. O custo alto (3 mil reais) está impedindo mais uma substituição do tecido.

TÚNEL DO TEMPO

13 DE JULHO DE 1987



Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Mas chega perto. A reviravolta do Corinthians neste Paulistão é semelhante à que o time conseguiu em 1987.

A capa da edição 893 de PLACAR mostrava isso. A manchete "O milagre corinthiano" era sobre a recuperação da equipe, que saiu da lanterna para a liderança do Paulistão. A capa mostrava um distintivo do clube novinho. A ilustração fazia referência a uma outra capa de PLACAR, de 4 de maio de 1987, cuja manchete era "SOS Corinthians" e na qual o distintivo do time aparecia em frangalhos.

DE PRIMEIRA

• Signori: aposta arriscada

Insatisfeito com as críticas que recebe de um jornalista, o ex-atacante da Seleção da Itália Giuseppe Signori resolveu atacar. Ele topou o desafio lançado por seu crítico numa emissora de TV. O jornalista disse que apostaria 250 mil dólares que Signori terminaria a carreira sem marcar 200 gols. "Quero ver se esse senhor tem a hombridade de aceitar a aposta", disse Signori, que já marcou 159 gols. O jogador, que é do Bologna, está com 33 anos.

• Anderson Lima detona PLACAR

A edição de PLACAR que circulou no Rio Grande do Sul na semana passada trazia o lateral Anderson Lima na capa. Após o treino do Grêmio no último sábado, Anderson viu a revista com alguns repórteres e não teve dúvida: correu até uma banca num posto de gasolina ao lado do Olímpico e acabou com o estoque de PLACAR. "Eu recebi 40 revistas. Quando o Anderson chegou, havia 16. Ele levou todas", disse o surpreso jornalista. Isso é que leitor...

SALÁRIOS PARA INGLÊS VER

Dentro de campo, o Manchester continua hegemônico na Inglaterra. Mas quando o assunto é dinheiro, os Diabos Vermelhos já têm um rival à altura. Segundo levantamento da empresa Deloitte & Touche, o Chelsea é o clube com a maior folha salarial do futebol inglês. Na temporada 1999/2000, a equipe gastou 67,2 milhões de dólares. Só para comparar, o Corinthians gasta cerca de 8 milhões de dólares por ano...

QUEM PAGA MAIS NA INGLATERRA

CLUBE	US\$*	VARIAÇÃO **
1- Chelsea	67,2	+ 56%
2- Manchester	64,0	+ 21%
3- Liverpool	57,35	+11%
4- Arsenal	48,57	+ 28%
5- Newcastle	41,28	+ 18%

* Em milhões de dólares por ano

** Entre as temporadas 1998/1999 e 1999/2000



CHUTEIRA DE OURO

Que Romário, que nada. O atleticano Kléber marcou mais um e segue fazendo a festa na Chuteira de Ouro, o prêmio dado por PLACAR ao artilheiro da temporada 2001 no Brasil. Mas estamos apenas em abril e França, Guilherme, Agnaldo, Washington e Kuki não estão tão longe assim do maranhense Kléber.



EDUARDO MONTEIRO

CLASSIFICAÇÃO (até 9/4/2001)

JOGADOR (CLUBE)	M/L/S (3)	CBR/CC (2)	REG (2)	EST (2)	EST (1)	BR/ME (2)	PTS
1° Kléber (Atlético-PR)		2 (1)	14 (7)	40 (20)			56
2° França (São Paulo)		10 (5)	12 (6)	20 (10)			42
3° Guilherme (Atlético-MG)		6 (3)	14 (7)	14 (7)			34
Agnaldo (Fluminense)		4 (2)	10 (5)	20 (10)			34
Kuki (Náutico)			24 (12)	10 (5)			34
Washington (Ponte Preta)		10 (5)		24 (12)			34
7° Reinaldo (Paraná)		6 (3)	8 (4)	16 (8)			30
Chiquinho (São José-RS)				30 (15)			30
9° Giovanni (Cruzeiro)	15 (5)		4 (2)	10 (5)			29
10° Luizão (Corinthians)		2 (1)	10 (5)	16 (8)			28

M-Mundial; L-Libertadores; S-Seleção; CBR-Copa do Brasil; CC-Copa dos Campeões; REG-Copas Regionais; EST-Estaduais; BR-Brasileiro; ME-Mercosul

*Os gols recebem um peso diferente dependendo da competição em que são marcados. Libertadores tem peso três, Copa do Brasil ganha peso dois e alguns estaduais, como o roraimense, peso um. O regulamento completo está no site www.placar.com.br.

CREEDENCE CLEARWATER, SEM O REVIVAL

Em 1999, um atacante chegou ao Iraty (PR). Quando o técnico do time perguntou ao novo reforço qual era o seu nome tomou um susto: "Creedence Clearwater." O nome inusitado é uma homenagem a uma banda californiana dos anos 70, o Creedence Clearwater Revival. "Foi meu pai quem escolheu o nome. Ele era bem fã deles", diz Creedence. O jogador acabou sendo rebatizado no Iraty, time que ainda defende. Como nasceu em Ribeirão Preto, virou Paulista. "Um treinador achava meu nome muito complicado." Sério?



JADER DA ROCHA

Os dois Creedence: o jogador e a banda, ainda no tempo do LP

RAÍ: O SÃO PAULO SE MEXE APÓS O PSG

Sabendo que o Paris Saint-Germain já reservou o dia 21 de julho para uma despedida de Raí (conforme revelou PLACAR na semana passada), o São Paulo se mexeu. O clube,



RICARDO CORRÊA

Saída à francesa

que não conseguiu organizar uma despedida para o ex-jogador, já se articula para entrar na festa, como adversário dos franceses. Segundo o diretor José Dias, o clube vai pedir à CBF que reserve um espaço para que o tricolor faça esse jogo em julho. O problema é que a festa corre o risco de ser em Paris. Ainda mais porque, essa data, o clube francês reservou para que Raí se despedisse no Parque dos Príncipes. Será que aceitarão vir jogar no Morumbi?

PEREIRA: AMIGO NA PLACAR



ALEXANDRE BATTIBUGLI

A equipe de PLACAR não manja de futebol só na teoria. Pereira, do Corinthians, começou a carreira ao lado de um repórter da revista, Eduardo Cordeiro, que aparece na foto ao lado junto com o volante no time fraldinha do Santo Amaro (SP). Podemos dizer que o Brasil perdeu um esforçado lateral.

RASTROS DE ÓDIO

A cada ano, o matador França faz mais gols pelo São Paulo. Mesmo assim, está sempre com a cabeça a prêmio junto à torcida. Imagine agora, depois da derrocada no Paulistão...

POR ARNALDO RIBEIRO

São Paulo 10 x 0 Botafogo-PB, a maior goleada da história do Morumbi. França faz três gols, chega a 128 com a camisa tricolor e se iguala a Raí entre os maiores artilheiros do clube em todos os tempos (veja quadro na página 29; depois disso, ele marcou mais seis vezes e já é o sétimo da lista). Entra todo sorridente no vestiário. E recebe um recado de um dos seguranças do São Paulo: "Parabéns, mas o presidente da Independente disse que ainda está de olho em você. Falou que você só faz gols contra o Botafogo-PB, esses timecos. Se não continuar marcando, o bicho vai pegar."

Aquela foi a última vitória do São Paulo, antes de o clube despencar no Campeonato Paulista. Imagine a recepção ao artilheiro agora, após as derrotas para Botafogo-SP, União São João e União Barbarense. Há tempos França não consegue jogar em paz. Não que ele não faça seu papel. Mesmo nessas derrotas, deixou a sua marca. Além disso, foi artilheiro do Rio-São Paulo (seis gols), é o artilheiro do time na Copa do Brasil (cinco gols), é vice-artilheiro do Paulista (dez gols).

Insuficiente. O torcedor cobra dele tudo aquilo que vê em Rogério Ceni, o outro astro do time: personalidade liderança, raça, enfim, características de um ídolo, um ídolo que garanta regularidade, que impeça a equipe de perder três partidas seguidas para times pequenos no Paulistão, por exemplo.

França admite não preencher todos esses requisitos, mas lembra que tirou o São Paulo de várias enrascadas e pretende fazer o mesmo nos clássicos contra Portuguesa e Corinthians, quando só duas vitórias salvam o Tricolor.

Em maio do ano passado, o São Paulo também enfrentou a Lusa, no Canindé, e não podia nem empatar se quisesse passar para as semifinais do Paulista. Situação idêntica. O time venceu por 4 x 2, de virada, e França fez três gols, o terceiro aos 43 minutos do segundo tempo, pouco antes de Marcelinho definir o placar. Foi no Canindé também, no Paulista de 1998, que França virou enfim titular do São Paulo.

Isso, porém, poucos são-paulinos lembram. "Essa é a cultura do futebol brasileiro. O ídolo é massacrado. Tem de estar bem toda hora. Não pode jogar mal, não pode errar um passe. Já são cinco anos de São Paulo. Acho que os caras não agüentam mais olhar para a minha cara", diz.

O técnico Oswaldo Alvarez é um de seus defensores: "Eu não entendo o motivo dessa perseguição. Além de ser um goleador, o França é um atleta que luta, que batalha o tempo todo."

Depois de perder horas de sono pensando no assunto, França chegou a uma conclusão: sua frieza o afasta do torcedor. "É o meu estilo e reconheço que é um defeito. Fui ficando frio com as críticas. Não vibro tanto nos gols, não sou de subir no alambrado e ficar berrando para

os torcedores", diz. "O Dodô era mal interpretado por dar risada o tempo todo; eu, por ser muito sério."

"O torcedor só cobra de quem tem capacidade para oferecer. Em relação ao França, a torcida espera que ele reaja de uma forma, mas ele tem seu modo de ser. É mais na dele, não é explosivo. Nem por isso deixa de fazer parte da história do clube como um dos maiores artilheiros de todos os tempos", diz Rogério Ceni.

Gols, propostas, Seleção, e má fase?

A perseguição a França começou justamente no ano passado, quando, quase sempre por motivo de contusão, ficou de fora de jogos fundamentais do São Paulo. Não jogou a decisão do Paulista, contra o Santos, não participou da Copa dos Campeões nem dos confrontos com o Palmeiras, pela Copa João Havelange. Na única decisão em que esteve presente, > contra o Cruzeiro, pela Copa do Brasil,

FRANÇA

FRANÇOALDO SENA DE SOUZA

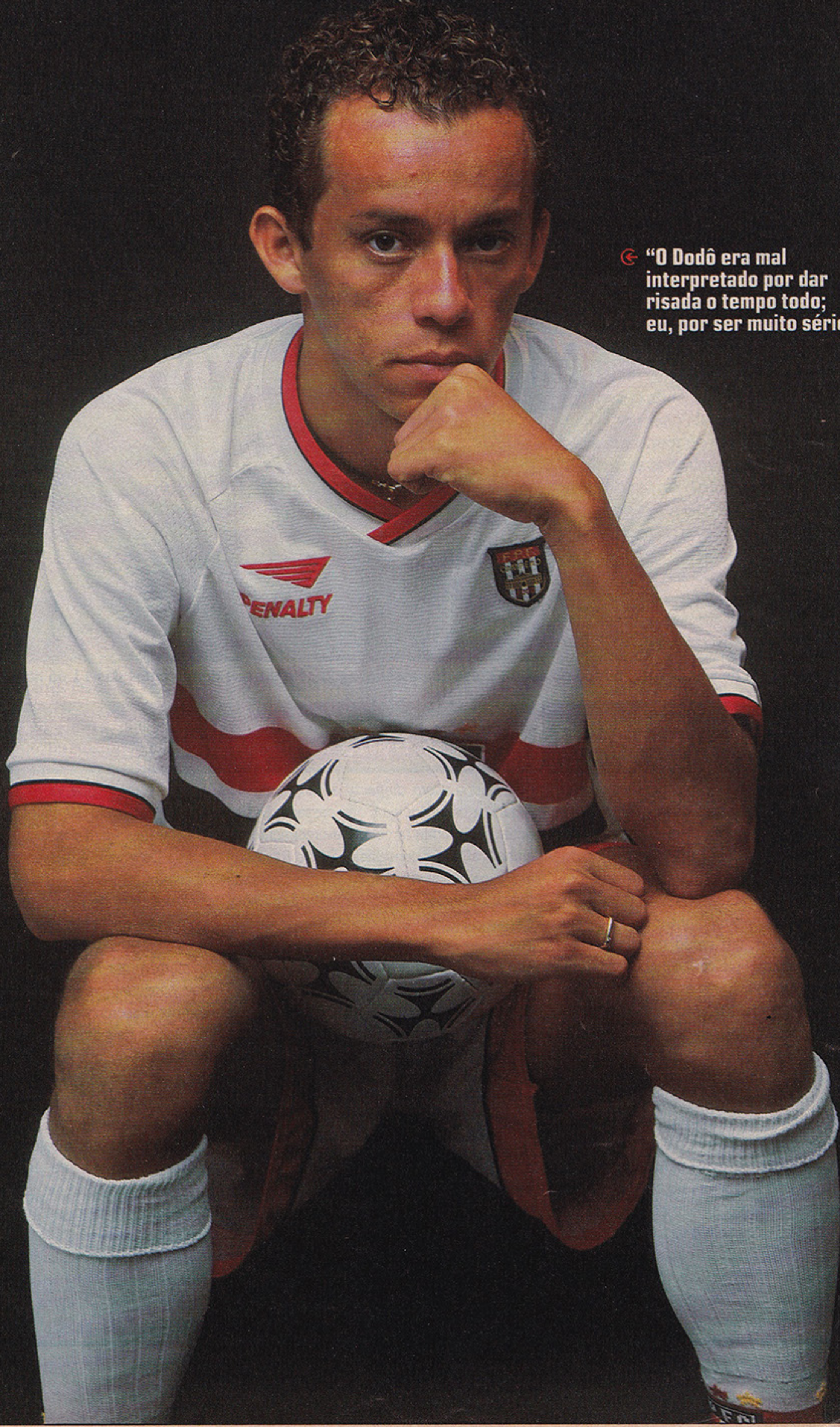
Nascido em: Codó (MA), em 2/3/1976

73 gols nas quatro primeiras temporadas no São Paulo

61* gols com a camisa do São Paulo em 2000 e 2001

SÉTIMO MAIOR artilheiro da história do clube, a seis gols de Leônidas da Silva

*Até 21/4



☞ “O Dodô era mal interpretado por dar risada o tempo todo; eu, por ser muito sério”



ALEXANDRE BATTIBUGLI

França, a bordo de seu Subaru: tempo do agito é coisa do passado; agora, ele diz que dorme antes das 11 da noite

O DONO DO SÃO PAULO

O empresário Wagner Ribeiro se prepara para negociar França em julho e ainda cuida da vida de Alexandre, Kaká, Renatinho, Jean, Oliveira...

“**Q**uem escolhe o procurador é o atleta e não tenho queixa do Wagner, mas admito que recebo críticas da oposição pelo fato de ele ser procurador de diversos jogadores nossos.” A frase é de Paulo Amaral, presidente do São Paulo.

Quando emprestou dinheiro ao XV de Jaú, em 1996, com um grupo de empresários, Wagner Ribeiro, hoje com 42 anos, administrador de empresas, não esperava estar tirando a sorte grande. Como não tinha como saldar a dívida, o clube, falindo, ofereceu atletas como garantia: um outro Rincón, Diego e... França. O XV tinha 50% do passe. A outra metade era do Nacional-AM.

Os demais não vingaram, mas França foi parar no São Paulo, que pagou os 50% do Nacional (180 mil reais) e ficou sem saber para quem dar os outros 180 mil. Aproveitando-se da indecisão, Ribeiro comprou as demais cotas e ficou com a carta na manga.

Como o São Paulo enrolou, ele foi se infiltrando aos poucos no clube, tornando-se amigo do diretor José Dias, com quem teve negócios, e de Paulo Amaral. “Ele mesmo disse

que ajudou (*com dinheiro*) a campanha do Amaral à presidência no ano passado. Desde então, vem tendo um claro favorecimento no clube”, afirma o conselheiro Pêrsio Rainho.

Pouco depois da eleição, França começou a receber propostas do exterior e o São Paulo se viu obrigado a comprar a metade de



Ribeiro: trânsito livre no São Paulo

Ribeiro, antes que fosse tarde demais. Só que, em vez de 180 mil reais, desembolsaram quase 6 milhões. “Não recebi nem a metade do valor de mercado”, diz. Não mesmo. Mas, como o fim do passe, ele ficou no lucro.

Hoje, escorado pela nova lei, Ribeiro trata diretamente com os clubes das propostas por

França e prevê que vá negociá-lo até julho. Diz ter recusado 12 milhões de dólares do Galatasaray. Além dos turcos, o Milan, o Borussia Dortmund e o Bayern de Munique estariam interessados.

O contrato de França até o fim de 2002 com o São Paulo não significa um empecilho para os planos de Ribeiro, mesmo porque não contém multa rescisória. Heraldo Panhoca, seu consultor jurídico, entende ser possível romper o acordo baseado na CLT (a Consolidação das Leis do Trabalho). Ou seja: França indenizaria o clube com 50% de tudo o que teria para receber até o fim do contrato (menos de 1 milhão de reais). Ribeiro prefere tentar um acerto amigável, mas sob suas condições. Ou seja: o bolo maior (pelo menos 60%) fica com o atleta; 10% disso, com ele.

França parece já ter ido. E os demais? Sem alarde, Ribeiro passou a controlar as categorias de base do clube. Hoje, responde por Kaká, Jean, Renatinho, Oliveira e Márcio. Só? Não. A próxima safra também tem a sua grife. Murilo, Tôni, Thomas, Caetano e Léo são jogadores dele. E o São Paulo, seu refém.

RICARDO CORRÊA

foi mal. “Estivemos a três minutos da Libertadores e a torcida não perdoa essa derrota para o Cruzeiro. Eles não suportam ver Palmeiras, Corinthians e até o São Caetano no torneio e a gente fora.”

“Em 2000, eu sofri muito. Primeiro, ferrei meu tornozelo. Depois, um problema muscular. Entrava no sacrifício e ainda era chamado de pipoqueiro, de mascarado, medroso. Quando eu não jogava, diziam que era porque eu estava negociando com o exterior.”

Na verdade, a transferência não aconteceu por muito pouco. Segundo Wagner Ribeiro, seu procurador e amigo inseparável, a Fiorentina fez uma proposta oficial ao São Paulo de 15 milhões de dólares. “O presidente Paulo Amaral pediu 20, depois baixou para 18 e quando concordou com os 15 a Fiorentina já tinha contratado o Leandro, da Portuguesa”, diz Ribeiro. “Eu dei a minha vida no primeiro semestre para tentar uma negociação. Fiz 31 gols, mas o São Paulo preferiu vender outros jogadores (Edmilson, Álvaro, Edu, Marcelinho, Fábio Aurélio...), que talvez até não merecessem tanto”, afirma.

“Primeiro, o França perdeu a confiança com as contusões. Depois, essa transferência frustrada tirou a concentração dele”, diz Levir Culpi, técnico dele em 2000. “O que você esperava? O cara ia receber 2 milhões de dólares por ano, fora os 15% da negociação. No total, seriam 12 ou 13 milhões em cinco anos. Era a independência financeira. É lógico que ele baqueou”, afirma Ribeiro, garantindo que seu pupilo não perderá a segunda chance.

Como forma de compensação, o São Paulo lhe deu um aumento salarial (passou a receber 48 mil reais mensais e mais o direito de imagem, que totalizam quase 110 mil a cada 30 dias), uma bolada por fora (cerca de 300 mil reais) e renovou seu contrato até dezembro de 2002. Com a grana, o atacante comprou uma casa para os pais em Manaus (Dona Francisca e Seu José Domingos, que ainda trabalha na mesma fábrica de cimento desde que França saiu de lá) e se consolou.

Frustração completa mesmo ocorreu na Seleção Brasileira. França achou que sua vez havia chegado quando marcou de cabeça o gol de empate contra a Inglaterra, no mítológico estádio de Wembley. Foi só. “Eu trocava o gol de Wembley por cinco gols nas outras cinco parti-

das que comecei como titular. Foi uma oportunidade de ouro que recebi, mas que não consegui aproveitar.” Ele diz que vai se considerar sempre um jogador incompleto enquanto não triunfar com a camisa amarelinha. “Falta isso para eu me consagrar, me tornar um jogador respeitado de fato.”

Fominha solidário

Transferência, Seleção... Tudo bem. Mas França não pode dizer que a temporada de 2000 tenha sido um fracasso. Ele fez 40 gols, seu recorde pessoal. Chegou a brigar pela Chuteira de Ouro de PLACAR, mas caiu muito de produção no segundo semestre e não foi páreo para Romário.

NA COLA DO CHULAPA

Em 2001, França já passou Maurinho e Raí entre os maiores goleadores do São Paulo. O plano é ficar entre os quatro



ALEXANDRE BATTUGLI

ARTILHEIRO	GOLS	ARTILHEIRO	GOLS
1° Serginho	242	6° Leônidas	140
2° Gino	232	7° França*	134
3° Teixeira	184	8° Maurinho	133
4° Müller	158	9° Raí	128
5° Luizinho	145	10° Pedro Rocha	113

Fonte: São Paulo Futebol Clube

* Até 21/4

Ganhar o prêmio da revista e superar o Baixinho, seu ídolo, virou questão de honra, ele afirma. “Sinto-me bem dando assistências e não me incomodaria não fazer gols, se não houvesse reivindicações de amigos, companheiros, torcedores. Se eu passar dois, três jogos sem marcar, as pessoas cobram. Fico preocupado, ansioso. Quero ter paz para andar nas ruas.”

No São Paulo desde 1996, França

passou mais de dois anos na reserva, de Almir, Valdir, Müller, Aristizábal, Dodô... “Entrava só no segundo tempo. Não tinha caixa para agüentar os 90 minutos. Mesmo assim, fazia uns dez gols por ano.”

O primeiro técnico a apostar de fato nele foi Nelsinho Baptista, em 1998. Ele escalou o eterno reserva ao lado de Raí na decisão do Paulista, contra o Corinthians. França fez dois gols, levantou a taça e virou titular absoluto — e famoso.

Fase caseira

França ganhou notoriedade, mas não mudou seu jeito de ser. Há até pouco tempo ainda morava no CT do São Paulo. Freqüentava as boates paulistanas mesmo não tendo carro. Usava táxi. “Gosto de dançar, mas aqui em São Paulo as pessoas mexem só os braços.” Palavra de quem entende. Antes de sair de Manaus, fazia apresentações nas casas noturnas com o amigo Ednaldo, imitando Michael Jackson. “Os movimentos do corpo dele me encantam. Levei muito da agilidade da dança para o campo.”

Foi dançando numa boate paulista, a Gitana que França conheceu Daniela, sua noiva. Gerente de banco, é ela, ao lado de Wagner Ribeiro, a administradora de seu dinheiro. Com Daniela, França diz que sossegou. “Virei caseiro. Às 11 da noite, estou na cama. Conheci todas as boates de São Paulo, mas perdi o pique. A responsabilidade aumentou.” Quando está de folga, França se manda para o litoral norte de São Paulo, pilotando um Subaru. Barra do Saí, Maresias ou Riviera de São Lourenço, na casa do procurador, são as praias preferidas.

Há pouco mais de um ano, deixou o seu quarto no CT e mudou-se para um prédio na avenida Higienópolis, próximo ao estádio do Pacaembu, em frente ao colégio/faculdade Mackenzie. Da sacada do apartamento, costuma observar diariamente a saída dos estudantes. Com uma ponta de inveja. Sem motivo aparente, ele desabafa: “Talvez porque a gente não tenha tido a oportunidade de estudar, eles (torcedores) pensam que não merecemos ganhar tanto dinheiro. Talvez por não termos feito faculdade nenhuma. Por outro lado, estamos na pior faculdade, que é faculdade da vida, e precisamos de um carinho de vez em quando.”

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ